

## MARXISMO E FILOSOFIA

PE. HENRIQUE C. DE LIMA VAZ S. J.

*O marxismo partiu de uma inversão da dialética hegeliana, na qual o "dado" material precede e condiciona a consciência. Este ponto de partida obriga, afinal, o marxismo a tornar-se uma filosofia da total "exteriorização" do homem, um humanismo absoluto do trabalho. Eis o que o presente artigo — segundo de uma série de três — procura expor, como preparação a uma crítica destinada a mostrar a irremediável contradição que vicia tal filosofia.*

### III

A FORMULAÇÃO clássica da transposição marxista nos é dada no Prefácio de MARX à segunda edição alemã do *Capital* (1872): "Para HEGEL o processo de pensamento, que êle transforma nada menos que em um sujeito independente com o nome de Idéia, é o demiurgo ou o criador do real, que constitui unicamente sua manifestação exterior. Para mim, ao contrário, o ideal não é mais do que o material transportado e traduzido no cérebro humano."<sup>41</sup> Ou

<sup>41</sup> *Le Capital*, tr. ROY, Costes, Paris, 1949, I. pág. 21. (A tradução dos Prefácios é de MOLITOR.)

ainda, incisivamente: o processo dialético em HEGEL “anda sobre a própria cabeça. É preciso revirá-lo para descobrir o caroço racional sob a casca mística”.<sup>42</sup> No mesmo Prefácio, MARX se declara a um tempo discípulo de HEGEL, cognominado “grande pensador”, e apresenta seu método e sua concepção da Dialética como o oposto exato do método hegeliano. É, pois, na verdade, um diálogo de irmãos inimigos que MARX trava com HEGEL ao longo de um esforço de reflexão que guarda, na sua fidelidade mesma à Dialética hegeliana como “forma fundamental de toda Dialética”,<sup>43</sup> o segrêdo de uma imensa força de análise e — esperamos mostrá-lo — o germe de uma invencível contradição interna.

A evolução do pensamento de MARX que, a partir da ida para Berlim (1837), foi um permanente confronto com HEGEL, atinge seu ponto definitivo de cristalização nos anos de 1842-1846, quando MARX consuma uma ruptura inevitável com a “esquerda hegeliana” e afirma vigorosamente sua posição original, seja diante de HEGEL (*Crítica da filosofia hegeliana do Direito Público*, 1842, e *Manuscritos econômico-filosóficos*, 1844) como diante das correntes em que se divide a “esquerda hegeliana” (*Teses sobre Feuerbach*, 1845, e *Ideologia Alemã*, 1845-1846; *Sagrada Família*, 1845).<sup>44</sup> Ora, é no cruzamento preciso de duas influências decisivas que a originalidade de MARX como pensador se define: a influência de FEUERBACH, de quem recebe o postulado materialista, e a influência de HEGEL, que lhe transmite o método dialético. O equacionamento do método dialético a um conteúdo material originário produz exatamente a inversão de que resulta o materialismo dialético.<sup>45</sup>

<sup>42</sup> *Ibid.*

<sup>43</sup> Carta a KUGELMANN, de 6 de março de 1868, *apud* K. MARX, *Lettere a Kugelmann* (I Classici del Marxismo, 29), Rinascita, Roma, 1950, pág. 67.

<sup>44</sup> Ver J. Y. CALVEZ, *La pensée de Karl Marx*, págs. 120-152. Sobre a formação da “esquerda hegeliana” e a progressiva afirmação da originalidade de MARX, ver A. CORNU, *Karl Marx et Friedrich Engels, leur vie et leur oeuvre*, I, pág. 132 e segs., P. U. F., Paris, 1955.

<sup>45</sup> LENINE, como é sabido, num artigo de 1913 para a Enciclopédia Granat, situa o pensamento de MARX na confluência de três correntes: a filosofia clássica alemã, a economia política inglesa e o socialismo francês. Ver V. LENINE, *Marx-Engels-Marxismo* (I Classici del Marxismo, 25), Rinascita, Roma, 1952, pág. 13.

A posição histórica de MARX diante de HEGEL define-se, pois, desde o início, como uma polêmica contra o idealismo e, conseqüentemente, como uma utilização ao inverso do método dialético. É a partir daí que emergem os lineamentos positivos do sistema de MARX e é dentro dêste ângulo de visão que deve proceder a sua análise.

A crítica marxista do idealismo hegeliano começa com um ato de reconhecimento a FEUERBACH — aquela experiência de libertação de que fala ENGELS — que se exprime logo no início do importante manuscrito de 1844 intitulado *Crítica da Dialética e da filosofia hegeliana em geral*: “FEUERBACH é o único que está em relação séria e crítica com a dialética hegeliana e que fêz verdadeiras descobertas nesse campo e é, em uma palavra, o verdadeiro vencedor da velha filosofia”.<sup>46</sup> Ora, a grande contribuição de FEUERBACH é: “1) ter provado que a (velha) filosofia não é senão a religião transportada em pensamento e desenvolvida em pensamento; 2) ter fundado o *verdadeiro materialismo* e a *ciência real* fazendo igualmente da relação social do “homem com o homem” o princípio fundamental da teoria; 3) ter contraposto à negação da negação — que afirma ser o positivo absoluto — o positivo que repousa sobre si mesmo e se funda positivamente sobre si mesmo”.<sup>47</sup> Chegará o momento em que MARX voltará a sua crítica contra o próprio FEUERBACH. Agora, êle recolhe a oposição que FEUERBACH estabelece entre a “posição certa pelos sentidos”<sup>48</sup> e fundada sobre si mesma, e o esquema hegeliano da “negação da negação” que, segundo o ritmo triádico infinito-finito-infinito, parte, segundo MARX, da abstração e volta à abstração. E, assim, a partir desta oposição, MARX transporta tôda a Dialética hegeliana ao plano “abstrato, lógico, especulativo”, em suma ao plano da “alienação” que fica suspenso no ar (idealismo) se não se descobrem os processos reais de produção que lhe deram origem. MARX envolve na mesma crítica fundamental tanto a *Fenomenologia* como a *Lógica* e a *Enciclopédia*.<sup>49</sup>

<sup>46</sup> *Manuscritos econômico-filosóficos*, op. cit., pág. 293.

<sup>47</sup> *Ibid.*

<sup>48</sup> *Sinnlichgewisse*, *ibid.*, pág. 294, nota.

<sup>49</sup> Ver J. Y. CALVEZ, op. cit., págs. 124 e segs.

“Tôda a história da alienação — escreve referindo-se à *Fenomenologia* — e tôda a retomada (*Zurückname*) da alienação não é, pois, senão a história da produção do pensamento abstrato, isto é, absoluto, do pensamento lógico, especulativo. A alienação (...) é a oposição de *em-si* e *para-si*, de *consciência* e *autoconsciência*, de *objeto* e *sujeito*: isto é, a oposição, dentro do mesmo pensamento, do pensamento abstrato e da realidade sensível ou sensibilidade real”.<sup>50</sup> É esta oposição fundamental, como vimos, que, para HEGEL, dá sentido a tôdas as outras oposições. O segundo êrro de HEGEL decorre, para MARX, dêste primeiro. Êle consiste em que “a reivindicação para o homem do mundo objetivo — por exemplo, o conhecimento de que a *consciência sensível* não é uma *consciência sensível abstrata*, mas uma *consciência sensível humana*, que a *religião*, a *riqueza* (a *propriedade privada*) etc . . . , são unicamente a realidade alienada da *objetivação humana*, das *fôrças essenciais humanas* destinadas a operar e, assim, simples via de acesso à verdadeira realidade *humana* — esta apropriação ou a inteligência dêste processo aparece em HEGEL de modo que *sensibilidade*, *religião*, *poder estatal*, etc . . . são *essências espirituais* — que só o *espírito* é a *verdadeira* essência do homem, e a verdadeira forma espiritual é o espírito pensante, o espírito lógico, especulativo”.<sup>51</sup>

Logo, a objeção fundamental que MARX move à dialética hegeliana da *Fenomenologia* visa ao enclausuramento do processo dialético no âmbito do pensamento ou da consciência, de sorte que a disjunção se dê entre o objeto como ser ideal e o sujeito como autoconsciência. Para MARX, ao contrário, a oposição se dá entre o objeto como conteúdo concreto e o sujeito como consciência sensível. O plano ideal aparece como a verdadeira alienação do sujeito. Para HEGEL, em suma, o homem é autoconsciência. Para MARX, é o “ser objetivo”, ou o ser que se objetiva.<sup>52</sup> É um idealismo radical que vicia, portanto, aos olhos de MARX, tôda a obra de HEGEL. “A *Enciclopédia* não é senão a *essência*

<sup>50</sup> *Manuscritos*, op. cit., pág. 296.

<sup>51</sup> *Ibid.*, pág. 297.

<sup>52</sup> É o sentido da vigorosa crítica de MARX ao último capítulo da *Fenomenologia* sobre o Saber absoluto, *ibid.*, págs. 299-307.

*desdobrada* do espírito filosófico, a sua auto-objetivação. Assim como o espírito filosófico não é senão o espírito pensante do mundo dentro da sua auto-alienação, isto é, o espírito alienado abstratamente compreensivo de si mesmo. A *Lógica* é a *moeda* do espírito, o *valor* especulativo, de *pensamento*, do homem e da natureza — a sua essência tornada completamente indiferente a toda determinação real e, portanto, tornada irreal — o *pensamento alienado* e, portanto, que abstrai da natureza e do homem real; o *pensamento abstrato*".<sup>53</sup> Assim, a crítica do idealismo tem como resultado, para MARX, o estabelecimento de uma adequação rigorosa entre o sujeito e a sua esfera objetiva, que é o mundo material. Desta maneira, toda abertura para uma transcendência do sujeito sobre o mundo fica, de partida, eliminada. A relação fundamental que liga o homem ao mundo só pode ser, então, a relação econômica de produção. A dialética da Idéia transmuda-se em dialética do Trabalho e êste, pelo seu caráter absoluto, impõe à visão marxista do mundo um necessário postulado materialista de base. A Economia política (na acepção de MARX), como ciência suprema, é aqui a inversão exata da Filosofia.<sup>54</sup>

É a partir do postulado materialista que a crítica ao idealismo de HEGEL se torna uma crítica à própria forma hegeliana do método dialético. Qual é, com efeito, a essência do método dialético? É a tensão relacional que liga dois termos, de tal sorte que a passagem de um no outro seja a sua "supressão" (*Aufhebung*), que é, ao mesmo tempo, a sua "elevação" (*Erhebung*) a um novo plano mais rico de compreensão.<sup>55</sup> Ora, para HEGEL, segundo a crítica de MARX, a partir da atitude contemplativa que é uma atitude essencialmente idealista, a tensão dialética fundamental entre o sujeito e o objeto é "suprimida" (e "conservada") em benefício do sujeito, ou seja, a "objetividade" é a alienação fundamental. "À reapropriação do ser alienado objetivo — diz MARX — ou a supressão da objetividade na determinação da *alienação* — e esta última deve proceder do estar-

<sup>53</sup> *Ibid.*, págs. 295-296.

<sup>54</sup> Ver P. BIGO, *Marxisme et Humanisme*, P. U. F., Paris, 1954, págs. 25-26.

<sup>55</sup> Ver E. CORETH, *op. cit.*, págs. 21-23.

-fora indiferente até a alienação real hostil — tem para HEGEL ao mesmo tempo e principalmente o significado de suprimir a *objetividade*, enquanto não o caráter *determinado* do objeto, mas o seu caráter *objetivo* é para a autoconsciência o escândalo da alienação. O objeto é, portanto, alguma coisa de negativo que se suprime por si mesmo, alguma coisa de *não-real*. Essa nulidade do objeto tem para a autoconsciência não somente um significado negativo, mas também *positivo*, pois que tal *nulidade* do objeto é precisamente a *auto-confirmação* da não-objetividade, da *abstração* de si mesmo.”<sup>56</sup> O modo, pois, da existência da autoconsciência, e o modo pelo qual alguma coisa existe para ela, é o Saber. É justamente um tal saber contemplativo torna-se, para o pensador idealista, o “único comportamento objetivo”.<sup>57</sup>

Logo, do ponto de vista da crítica radical de MARX, é todo o movimento da Dialética hegeliana, em cada um dos seus momentos, que sofre da alienação idealista fundamental, pois toda ela se processa na esfera do saber como na única esfera objetiva.<sup>58</sup> Na *Crítica à filosofia hegeliana do direito público*, MARX exprime em outra forma esta crítica ao próprio método hegeliano. “HEGEL” — diz — “dá uma existência independente aos predicados, aos objetos, mas abstraindo-os do seu sujeito, que é realmente independente. Depois, o sujeito real aparece como seu resultado, ao passo que é preciso partir, ao contrário, do sujeito real e considerar o seu objetivar-se. A substância mística torna-se, pois, o sujeito real, e o sujeito real aparece como algo diverso, como um momento de substância mística”.<sup>59</sup> É, pois, numa inversão de sujeito e predicado em face da função de realidade inerente aos termos do juízo, que consiste o método hegeliano. “É o dualismo segundo o qual HEGEL não considera o universal como a essência efetiva do real-finito.

<sup>56</sup> *Manuscritos*, op. cit., pág. 304.

<sup>57</sup> *Ibid.*

<sup>58</sup> Ver J. Y. CALVEZ, op. cit., págs. 344-345. MARX dá o exemplo da filosofia do direito de HEGEL, onde, partindo do “direito privado”, a “supressão” que eleva conduz à história universal — através da moral, da família, da sociedade civil, do Estado — como “momentos” do pensamento (cf. *Manuscritos econômico-filosóficos*, pág. 306).

<sup>59</sup> Ver *Opere filosofiche giovanili*, pág. 37.

isto é, do existente e determinado; ou seja, não considera o ser real como o *verdadeiro sujeito* do infinito".<sup>60</sup> E já que o real-finito ou o ser real é aqui o indivíduo humano sensível, o infinito não é senão o prolongamento indefinido do processo dialético através dos conteúdos materiais da ação humana.

A partir desta crítica conjugada do idealismo e do método de HEGEL, a posição de MARX pode definir-se, em todo o rigor, como um materialismo dialético. A parte hegeliana da "consciência" será representada, nesta perspectiva, pelo "ser consciente" concreto, a saber, pelo indivíduo humano na sua situação vital e, portanto, ativa diante do mundo. "A consciência não pode nunca ser outra coisa senão o ser consciente, e o ser dos homens é o seu verdadeiro processo vital."<sup>61</sup> O materialismo de MARX, como o oposto rigoroso do idealismo de HEGEL, encontra precisamente no trabalho humano o equivalente dialético do trabalho de pensamento que impulsionava a *Lógica*. E porque o trabalho é, para MARX, uma relação de produção definida pelo seu conteúdo material, o trabalho como relação dialética fundamental define, em toda a sua extensão, o significado materialista da Dialética.<sup>62</sup>

O ponto de partida é constituído aqui pelos "homens realmente ativos, e é pelo seu processo vital real que se representa igualmente o desenvolvimento dos reflexos ideológicos e dos ecos ideológicos deste processo vital. (...) Não é a consciência que determina a vida, é a vida que determina a consciência. (...) Parte-se, pois, dos indivíduos reais e vivos e não se considera a consciência senão como *sua* consciência".<sup>63</sup> Aqui aparece claramente a inversão marxista da relação sujeito-objeto hegeliana. E nela se define, a um tempo, a natureza e o método do materialismo de MARX, assim como o caráter essencialmente revolucionário e militante do seu pensamento. "O sujeito, na relação sujeito-ob-

<sup>60</sup> *Ibid.*, pág. 37; cf. 39-40; 57-59; 120-123.

<sup>61</sup> *Idéologie Allemande*, tr. MOLITOR, *Oeuvres Philosophiques*, VI, Costes, Paris, 1937, pág. 157.

<sup>62</sup> Ver J. HOMMES, *Zwiespaeltiges Dasein, die existenzielle Ontologie von Hegel bis Heidegger*, Herder, Freiburg i.B., 1953, págs. 167-171.

<sup>63</sup> *Idéol. Alt.*, O. Phil., VI, págs. 167-168.

jeto de um materialismo inteiramente histórico, é determinado como ativo e realmente produtivo".<sup>64</sup> MARX não pode, pois, contentar-se com o materialismo estático de FEUERBACH, no qual a realidade é dada uma vez por tôdas na percepção sensível natural. Não se elevando ao plano da atividade produtiva — criadora da História — o homem de FEUERBACH não pode deixar de pertencer, segundo MARX, à pré-história animal. As *Teses sôbre Feuerbach* definem com incomparável precisão tôda a distância que separa os dois pensadores: "O defeito principal de todo o materialismo conhecido até hoje — inclusive o de FEUERBACH — é que a realidade concreta e sensível não é aí concebida senão sob a forma do objeto ou da representação, e não como atividade sensorial do homem, como prática humana, ou seja, não subjetivamente. (...) FEUERBACH tem em vista os objetos concretos, realmente distintos dos objetos do pensamento: entretanto, êle não considera a atividade humana em si mesma como atividade objetiva. (...) Por conseguinte, êle não apreende a significação da atividade "revolucionária", prático-crítica".<sup>65</sup> É, pois, a uma "transformação" do mundo que visa MARX (Tese XI), mas uma transformação que nasce de uma exigência teorética, de uma concepção da Dialética que coloca o Absoluto no próprio processo de transformação. Dêste ponto de vista, o materialismo marxista nos aparece como uma "antropogênese" — uma gênese do verdadeiro ser do homem libertado das suas alienações — assim como a *Fenomenologia* nos aparecia como uma gênese do espírito — uma superação da "alienação da objetividade".

Ora, sendo o trabalho a relação dialética fundamental, a "antropogênese" se operará numa relação ativa recíproca entre a natureza e o homem. "O homem cria e põe objetos porque é, êle mesmo, pôsto pelos objetos ou porque, na

<sup>64</sup> E. BLOCH, *Subjekt-Objekt, Erläuterungen zu Hegel*, Aufbau Verlag, Berlin, 1952, pág. 391.

<sup>65</sup> Tese I sôbre FEUERBACH. Como é sabido, as *Teses*, redigidas em 1845-1846, foram publicadas por ENGELS em 1888. O texto definitivo é o de RJAŽANOV, *apud* MEGA, I, 5. Citamos segundo J. Y. CALVEZ, *op. cit.*, pág. 139. Encontra-se aí, págs. 139-152, uma apresentação exaustiva do conteúdo das *Teses*.

sua gênese, êle é *Natureza*'.<sup>66</sup> É justamente a concepção da realidade como um processo dialéticamente articulado e, portanto, como um processo genético que MARX recolhe de HEGEL e que é a "forma mentis" segundo a qual êle concebe o significado do seu materialismo. Num texto decisivo, MARX escreve: "O importante na *Fenomenologia* hegeliana e no seu resultado final — a dialética da negatividade como princípio motor e gerador — é, portanto, que HEGEL entende a autoprodução do homem como um processo, o objetivar-se como um opor-se, como alienação e como supressão desta alienação; que êle, portanto, apreende a essência do *trabalho* e concebe o homem objetivo, o homem verdadeiro porque homem real, como resultado do seu *próprio trabalho*. A *real*, ativa atitude do homem consigo mesmo como ser genérico, ou a manifestação de si mesmo como real ser genérico, isto é, ser humano, é possível somente enquanto desenvolva realmente tôdas as suas energias genéricas — o que, por sua vez, é possível só pelo agir em comum dos homens ou só como resultado histórico — e se comporta diante destas energias como diante de alguma coisa de objetivo, o que, antes de mais, é possível somente na forma de um alienar-se".<sup>67</sup> Se o trabalho é, pois, a relação dialética fundamental que une os termos Homem-Natureza, o homem, demiurgo de si mesmo, é também demiurgo da natureza, não enquanto espírito, mas enquanto produtividade material.

É no terceiro dos *Manuscritos* de 1844, quando trata da propriedade privada e do comunismo, que MARX encontra a formulação mais vigorosa desta unidade homem-natureza, na qual se exprime o sentido mais profundo do seu humanismo. Humanismo social e histórico por essência, pois que o ser real do homem, como ser genérico, é o seu ser social, e êste ser social é um movimento histórico. Esta socialidade impõe a supressão da propriedade privada como supressão da auto-alienação do homem. E a dialética desta supressão implica, por sua vez, a socialidade como apro-

<sup>66</sup> G. A. WETTER, *Der dialektische Materialismus*, Herder, Viena, 1952, pág. 31. Ver aí págs. 31-32 uma apresentação extremamente lúcida dêste aspecto do marxismo.

<sup>67</sup> *Manuscritos*, op. cit., pág. 298.

priação da verdadeira essência do homem. “Portanto, o caráter *social* é o caráter geral do movimento inteiro; e *como* a sociedade mesma produz o *homem* enquanto *homem*, assim é *produzida* por êle. A atividade e o espírito, como são *sociais* pelo seu conteúdo, assim o são pelo seu *modo de origem*: atividade *social* e espírito *social*. A *humanidade* da natureza existe somente para o homem *social*; já que somente aqui a natureza existe para o homem como *laço* com o *homem*, como existência do homem para o outro e do outro para êle; e só enquanto elemento vital da realidade humana ela é *fundamento* da existência *humana*. Só assim a existência natural do homem é para êle sua existência *humana* e, para êle, a natureza se humaniza. Portanto, a *sociedade* é a unidade essencial realizada do homem com a natureza, a verdadeira ressurreição da natureza, o naturalismo realizado do homem e o humanismo realizado da natureza”.<sup>68</sup> Impossível não sentir a pulsação do ritmo de vitoriosa certeza com que MARX exprime aqui a essência mais íntima da sua intuição originária.<sup>69</sup> Êle pretende saltar por cima das oposições abstratas que paralisavam o pensamento filosófico, hipostasiado em si mesmo como categoria autônoma: “Vê-se como subjetivismo e objetivismo, espiritualismo e materialismo, atividade e passividade, perdem a sua oposição somente na sociabilidade e, portanto, a sua existência de opostos”.<sup>70</sup> Na tensão dinâmica, com efeito, de uma sociedade que subsiste pela interrelação ativa entre o trabalho e o seu objeto, as antíteses teóricas só podem receber uma solução prática, uma resposta na ação.

Esta ação, entretanto, não releva do arbítrio individual: do ponto de vista de MARX, o indivíduo deixado a si mesmo é, precisamente, o homem “alienado”. O indivíduo real é ente social: “O homem, embora seja um indivíduo *particular* — e pròpriamente a sua particularidade o faça indivíduo e real ser comum *individual* — é, do mesmo

<sup>68</sup> *Ibid.*, págs. 259-260.

<sup>69</sup> Como se sabe, a expressão “materialismo dialético” não se encontra em MARX. Mas ela exprime perfeitamente o sentido do seu humanismo naturalista. Ver J. Y. CALVEZ, *op. cit.*, pág. 378.

<sup>70</sup> *Manuscrítos*, *op. cit.*, pág. 264; cf. pág. 301. Ver *La Sainte Famille*, tr. MOLITOR, O. Phil., II, pág. 167.

modo, a *totalidade*, a totalidade ideal, é existência subjetiva da sociedade pensada e sentida, tanto quanto êle, de fato, existe seja enquanto intuição e espírito real da existência social, seja enquanto totalidade das manifestações humanas da vida".<sup>71</sup>

É, portanto, uma profunda e indissolúvel unidade que liga o homem a um tempo à natureza e à sociedade. Esta formulação, aliás, é imprópria, pois os três termos aparecem nela previamente isolados da unidade que os engloba. De fato, esta unidade — como tensão dialética — é constitutiva do ser mesmo dos seus termos. O ser do homem é o seu ser "objetivo", isto é, o seu ser que se constitui na relação dialética à natureza.<sup>72</sup> Esta relação assume inicialmente o aspecto de uma carência sensível e, portanto, de um desejo da parte do homem.<sup>73</sup> Ela é, pois, para o homem, nesse primeiro momento, uma relação de passividade. "O homem, como ser objetivo, é, portanto, um ser *patiens*. (...) A paixão é a substancial força humana que tende com energia ao seu objeto".<sup>74</sup> Mas, sendo ser natural — passivo, portanto — o homem é um ser natural humano. Como tal, é um ser genérico, isto é, um ser que tem com a natureza uma relação ativa, universalizante e criadora, que o distingue radicalmente dos outros animais. "O animal faz, imediatamente, uma coisa só com a sua atividade vital, não se distingue dela, identifica-se com *ela*. O homem (...) tem uma atividade vital consciente: não há uma determinada esfera com a qual êle imediatamente se confunda (...) Só por isto êle é um ser genérico. (...) O animal produz unicamente a si mesmo, enquanto o homem reproduz a natureza inteira".<sup>75</sup>

Para MARX, pois, não há consideração "objetiva" da natureza senão na sua articulação dialética com o homem, ou, mais propriamente, com a atividade transformadora do homem. "A *indústria* é a *real* relação histórica da natureza

<sup>71</sup> *Manuscritos*, op. cit., pág. 261.

<sup>72</sup> "Um ser não-objetivo" — diz MARX — "é um não-ser (*ein Unwesen*)", *ibid.*, pág. 302.

<sup>73</sup> *Ibid.*, págs. 261-262; 302-303.

<sup>74</sup> *Ibid.*, pág. 303.

<sup>75</sup> *Ibid.*, pág. 231.

e, portanto, da ciência natural, com o homem. (...) A natureza que nasce na história humana — no ato de nascimento da sociedade humana — é a natureza *real* do homem e, portanto, a natureza que é transformada pela indústria — ainda que em forma *alienada* — é a verdadeira natureza *antropológica*".<sup>76</sup> É precisamente o seu caráter dialético que liberta essa relação, aos olhos de MARX, de qualquer implicação subjetivístico-idealista. Quando o homem real, no seu ato de exteriorização, põe suas forças substanciais como objetos externos, esta posição não parte de um sujeito abstrato ao modo hegeliano. Ela é "a subjetividade de *objetivas* forças substanciais cuja ação, portanto, deve ser também uma ação *objetiva*. O ser age objetivamente, e não poderia agir objetivamente se o objetivo não fôsse sua determinação substancial".<sup>77</sup>

Esta relação dialética com a natureza é, pelo fato mesmo do seu caráter genérico — da sua manifestação do ser genérico do homem —, uma relação social. A sociedade aparece para MARX como a verdadeira mediadora entre o homem e a natureza. E neste sentido o verdadeiro ser, a verdadeira realidade do homem, o seu ser-para-si, só se manifesta no seu ser-para-o-outro. Supressa, com efeito, a alienação da propriedade privada, o "homem realiza o homem, realiza-se a si mesmo e ao outro homem".<sup>78</sup>

O entrelaçamento dialético dos três têrmos, homem-natureza-sociedade, define, por sua vez, o caráter essencialmente histórico do materialismo de MARX, que aparece, em tôda a força da expressão, como um humanismo histórico, uma concepção prometeica da criação da História pelo

<sup>76</sup> *Ibid.*, págs. 265-266. Já nos referimos à tentativa tardia de ENGELS, de escrever uma "Dialética da Natureza". Do ponto de vista dos *Manuscritos* de 1844, tal tentativa não pode deixar de incorrer na acusação de "idealismo" que MARX formula aí contra as ciências naturais do seu tempo (cf. op. cit., pág. 265). Ela retorna ao ponto de vista de FEUERBACH e do seu materialismo abstrato (ver *Idéol. All.*, O. Phil., VI, págs. 162-163, e J. Y. CALVEZ, op. cit., pág. 382, n.º 14). Mas, porque os extremos se tocam, só um passo se para talvez o naturalismo absoluto de MARX de uma "dialética da natureza" independente do homem e, finalmente, absorvendo o homem. MARX não seria lógico aprovando o ponto de vista ulterior de ENGELS? (CALVEZ, op. cit., pág. 411). E esta lógica não seria a lógica de uma contradição imanente ao ponto de partida de MARX?

<sup>77</sup> *Ibid.*, pág. 301.

<sup>78</sup> *Ibid.*, pág. 259.

homem, ou da autocriação do homem como ser histórico no seio de uma história humana. Citamos acima o texto capital em que MARX nos faz assistir à gênese histórica da natureza humanizada no ato mesmo de nascimento da sociedade humana como comunidade de trabalho. Essa tese fundamental do materialismo histórico traz consigo a afirmação mais decidida de um radical historicismo no campo inteiro das ciências. Aqui também MARX afirma sua originalidade diante de FEUERBACH: "Na medida em que FEUERBACH é materialista, não há história nêle, e na medida em que toma em consideração a história, êle não é materialista."<sup>79</sup> Ora, o fato histórico fundamental para MARX é o mesmo que nos aparece, no plano teórico, como definindo a proposição fundamental do materialismo dialético, isto é, a relação homem-natureza na produção dos meios requeridos pelas necessidades da vida. Produção transformadora pela qual o homem, humanizando a natureza, "faz a história", segundo a expressão de HEGEL citada por MARX.<sup>80</sup> O aparecimento de novas necessidades especificamente humanas mantém em movimento a história; e a perpetuação do homem (pela procriação, na família) assegura o seu sujeito ativo.<sup>81</sup> Dentro destas coordenadas, MARX encerra sua visão da realidade segundo um essencial dinamismo histórico. É inteiramente imersa neste dinamismo que a consciência pode revelar sua eficácia, pode operar como força de transformação.<sup>82</sup> E é a partir da consciência real histórica que a dimensão histórica se impõe a todos os planos do conhecimento. "A história mesma é uma parte *real* da *história natural*, da humanização da natureza. A ciência natural compreenderá um dia a ciência do homem, como a ciência do homem compreenderá a ciência natural; não haverá senão uma ciência."<sup>83</sup>

É, pois, nas premissas do materialismo dialético, ou seja, na concepção da realidade como tensão dialética entre o

<sup>79</sup> *Idéologie Allemande*, O. Phil., VI, pág. 164.

<sup>80</sup> *Ibid.*, pág. 165; cf. págs. 186-187.

<sup>81</sup> *Ibid.*, pág. 166.

<sup>82</sup> *Ibid.*, págs. 168-171. Não nos detemos aqui sobre o problema da gênese da consciência individual, sobre o qual MARX não é explícito. Ver R. VANCOURT, *Marxisme et pensée chrétienne*, Bloud et Gay, Paris, 1947, págs. 70-77.

<sup>83</sup> *Manuscritos*, op. cit., pág. 266; *Idéol. All.*, O. Phil., VI, págs. 153-154. Ver R. VANCOURT, *ibid.*, págs. 138-143; G. A. WETTER, op. cit., págs. 41-42.

homem, ser genericamente produtivo, e a natureza, que está contido o materialismo histórico.<sup>84</sup> Nesta perspectiva essencialmente histórica, os lineamentos positivos da visão de MARX acabam por convergir num radical ateísmo e num humanismo absoluto: um humanismo de reconciliação enquanto instauração do ser real do homem libertado de suas alienações.<sup>85</sup> Resta-nos recapitular nestes dois pontos a essência do marxismo, antes de tentar mostrar a insuperável contradição que o torna teoréticamente inviável.

MARX mesmo, com o rigor tão característico do seu pensamento, estabelece uma distinção nítida entre o ateísmo crítico, ou o ateísmo que resulta da crítica da alienação religiosa tomada isoladamente, e o ateísmo positivo, que é uma atitude pacífica, se se pode falar assim, no seio da sociedade comunista, onde a crítica da alienação econômica e social tornou inoperante a alienação religiosa.<sup>86</sup> A crítica de FEUERBACH detém-se na crítica da religião. Mas êste ponto de vista permanece abstrato enquanto a supressão da alienação religiosa "que se opera unicamente no domínio da consciência",<sup>87</sup> não se apóia sobre a supressão da alienação econômica, que é a alienação da vida real. O ateísmo, para ser positivo, não deve ser o ponto de partida do comunismo a modo de uma crítica abstrata. Êle deve surgir do comunismo como necessária consequência da supressão da propriedade privada que é a alienação fundamental.<sup>88</sup> Nesse caso, o ateísmo torna-se uma só coisa com o humanismo positivo.<sup>89</sup>

<sup>84</sup> Uma tal afirmação implica a rejeição da tese que pretende descobrir no pensamento de MARX uma evolução a partir de um materialismo histórico não-dialético, para um materialismo dialético, cuja formulação dataria do Prefácio à *Contribuição à Crítica da Economia Política* (1859), e no qual a primazia nítida do ser material sobre a consciência, no dizer de G. GURVITCH (*La Sociologie du jeune Marx*, Cahiers Internationales de Sociologie 3 (1948), págs. 3-47; cf. pág. 42), viria comprometer o humanismo histórico da primeira fase. A unidade do pensamento de MARX a partir das primeiras obras, parece-nos, porém, indiscutível, e, mais uma vez, foi brilhantemente posta em evidência por J. Y. CALVEZ, op. cit., págs. 35-36; 408-409.

<sup>85</sup> Ver J. HOMMES, *Zwiespaeltiges Dasein*, págs. 172-173. Ver, do mesmo autor, *Der technische Eros, das Wesen der materialistischen Geschichtsauffassung*, Herder, Freiburg i.B., 1955. Sua perspectiva, porém, da filiação HEGEL-MARX, no ponto que nos ocupa, é discutível.

<sup>86</sup> Ver Teses IV. VI e VII sobre FEUERBACH.

<sup>87</sup> *Manuscritos*, op. cit., pág. 259.

<sup>88</sup> *Ibid.*, págs. 259-260.

<sup>89</sup> *Ibid.*, págs. 307-308.

Com efeito, supressa a alienação econômica, o homem revela-se, em todo o rigor, como criador de si mesmo. Este caráter real do ateísmo positivo como humanismo, é vigorosamente sublinhado por MARX: "Mas o ateísmo e o comunismo não são, de forma alguma, a fuga, a abstração, a perda do mundo objetivo produzido pelo homem, das forças substanciais humanas tornadas objetivas; não são, de forma alguma, uma pobreza pela qual se volta a uma simplicidade inatural, embrionária. São, antes e unicamente, o devir real, a realização tornada efetiva para o homem do seu ser, do seu ser como ser real."<sup>90</sup> A evidência da autocriação aparece a MARX tão fulgurante, que a inferência regressiva que conduz à pergunta "quem criou o primeiro homem e a natureza?" não pode deixar de proceder, a seus olhos, de um ponto de vista absurdo,<sup>91</sup> ou seja, precisamente um ponto de vista abstrato resultante de uma alienação fundamental. Ao contrário, "pois que para o homem socialista *tôda a chamada história universal* não é senão a geração do homem pelo trabalho humano, o devir da natureza pelo homem, assim êle tem a prova evidente, irrefutável, do seu *nascimento* de si mesmo, do seu *processo de origem*. (...) A questão de um ser *exterior*, de um ser acima da natureza e do homem, torna-se impossível; questão que implica a admissão da não-essencialidade da natureza e do homem. O *ateísmo*, como negação desta não-essencialidade, não tem mais sentido, porque êle é uma *negação de Deus* e põe a existência do homem mediante esta negação. Mas o socialismo como tal não tem necessidade desta mediação; êle parte da *consciência sensível teórica e prática* do homem, e da natureza como *essencial*".<sup>92</sup>

Assim, o ateísmo, no seu sentido positivo, revela-se como a outra face do humanismo naturalista.<sup>93</sup> Esse humanismo é um humanismo absoluto, pois vimos como qualquer abertura para a transcendência contradiz as suas bases teóri-

<sup>90</sup> *Ibid.*, pág. 308.

<sup>91</sup> *Ibid.*, pág. 267.

<sup>92</sup> *Ibid.*, pág. 268; ver MERLEAU-PONTY, *Les Aventures de la Dialectique*, págs. 67-69.

<sup>93</sup> Ver J. Y. CALVEZ, op. cit., págs. 536 e segs.

cas.<sup>94</sup> Como humanismo absoluto, êle se apresenta como a reconciliação total entre o homem, a natureza, e a sociedade, ou seja, como a supressão de tôdas as alienações. O tema da alienação é o mais explorado em MARX e o mais conhecido. Nem sempre, entretanto, os intérpretes conseguem descobrir suas raízes mais profundas na atitude vital de MARX em face da situação especulativa e prática de onde partiu sua reflexão. É sabido como MARX começou com a crítica religiosa para chegar, afinal, através da crítica filosófica, política e social, à alienação fundamental que atinge o homem na sua própria essência como "homo faber" — a alienação econômica.<sup>95</sup> Uma só intuição, sem dúvida, descobriu a MARX, a um tempo, o fato da alienação fundamental e a essência do homem revelando-se neste fato. A página sôbre "o trabalho alienado" no primeiro dos Manuscritos de 1844 dá-nos, talvez, antes dos clássicos desenvolvimentos de *O Capital*, a expressão mais vigorosa — e mais pungente — desta intuição originária de MARX, reflexo de uma intensa experiência humana que não pode deixar de forçar o respeito e a admiração.<sup>96</sup> A alienação do trabalho desenvolve-se, para MARX, em dois planos conjugados: o plano do produto do trabalho e o plano do ato da produção. Ao alienar-se no produto do seu trabalho, o operário encontra-se diante de um objeto estranho, uma potência independente. Encontra-se vazio de si mesmo. E como o produto é o resultado do ato de produção e da capacidade de produzir (que é, para MARX, a "diferença específica" do homem) a alienação do produto é a alienação do ato, a desumanização radical. O homem perde a liberdade criadora de ser genérico e volta à identidade animal com a natureza.<sup>97</sup> Ora, como a propriedade privada

<sup>94</sup> É, pois, inteiramente vã qualquer tentativa de repensar o marxismo numa perspectiva teísta, ou de atribuir ao ateísmo em MARX um caráter accidental. O respeito mesmo pelo texto e pelas intuições mais originais de MARX, deveriam impedir qualquer esforço nesta direção. As obras de H. C. DESROCHES, *Signification du Marxisme*, éd. Ouvrières, Paris, 1950 (ver a crítica de G. FESSARD, *Etudes*, Jan. 1950, págs. 86-102) e de MARCEL REDING, *Der politische Atheismus*, Styria Verlag, Köln-Graz, 1957 (criticada pertinentemente por R. A. SIGMOND, *Angelicum* 35 (1958), págs. 64-72), fornecem a prova do fato da impossibilidade de dissociar marxismo e ateísmo.

<sup>95</sup> Ver M. RUBEL, *Karl Marx, essai de biographie intellectuelle*, Rivière, Paris, 1957.

<sup>96</sup> *Manuscritos*, op. cit., págs. 224-237.

<sup>97</sup> *Ibid.*, pág. 229.

dos meios de produção, base da estrutura capitalista, é a causa última da alienação do trabalho e, ao mesmo tempo, o meio pelo qual se realiza esta alienação,<sup>98</sup> a atividade revolucionária que visa à supressão da propriedade privada (atividade guiada pela interpretação dialética) é, pela sua natureza mesma, a instauração do comunismo real. O comunismo é, então, “enquanto efetiva supressão da propriedade privada como auto-alienação do homem e, portanto, enquanto apropriação real da essência humana por parte do homem e para o homem”,<sup>99</sup> a solução do enigma da história. “O movimento inteiro da história é, assim, tanto o ato real da gênese do comunismo — o ato de nascimento da sua existência empírica — quanto, pela sua consciência pensante, é o movimento conhecido e compreendido do próprio devir.”<sup>100</sup> Portanto, se a essência verdadeira do homem se realiza no movimento ativo da história como supressão da alienação fundamental — ou como instauração do comunismo — a história real torna-se o ponto de junção da “teoria” e da “praxis”, e o humanismo absoluto de MARX, essencialmente prospectivo, anima-se de um imenso dinamismo histórico, de um irresistível otimismo.<sup>101</sup> Neste humanismo, a atitude contemplativa não pode ter nenhuma significação positiva e a reflexão permanece obstinadamente voltada para o futuro. Ela é o instrumento de interpretação da “praxis”. MARX atinge aqui a amplitude máxima que o separa de HEGEL. “Para MARX” — diz excelentemente R. HEISS — “o pensamento dialético permanece sempre como meio para olhar o futuro; para HEGEL êle é o meio para entender o presente a partir do passado”.<sup>102</sup>

Assim, a noção verdadeiramente central, onde terminam e de onde partem todos os fios da concepção marxista do mundo, é a noção de “praxis” como trabalho humano, isto

<sup>98</sup> *Ibid.*, págs. 234-235. Ver o manuscrito sobre a propriedade privada e o trabalho. *ibid.*, págs. 251-254.

<sup>99</sup> *Ibid.*, pág. 258.

<sup>100</sup> *Ibid.*; ver *Idéol. All.*, O. Phil., VI, pág. 175.

<sup>101</sup> Inútil transcrever aqui os termos bem conhecidos e, sobretudo, a conclusão do “Manifesto do Partido Comunista”.

<sup>102</sup> “Hegel und Marx”, art. cit., pág. 201.

é, como trabalho criador.<sup>103</sup> De resto, a exposição até aqui feita nos proíbe atribuir a MARX um pragmatismo vulgar. A noção de “praxis” engloba, com efeito, dentro do significado de ativa transformação do mundo que a define — segundo a expressão escultòriamente nítida da Tese XI sôbre FEUERBACH — uma deliberada atitude teorética, que é a descoberta da essência do homem na contextura mesma da ação humana. A originalidade de MARX consistiu, pois, em ter elevado o trabalho à eminente dignidade de “arché” — em tôda a extensão do significado lógico e ontológico que um tal têrmo pode assumir na tradição metafísica clássica. Êle pretende assim situar-se para além da querela sôbre a primazia da ação ou da contemplação, criando para o homem socialista o que LACROIX define justamente como um “clima de afirmação”.<sup>104</sup> A célebre análise do processo do trabalho no livro I de *O Capital* termina com apresentar o trabalho como “condição eterna da vida humana e, portanto, independente de qualquer forma desta vida, comum igualmente a tôdas as suas formas sociais”.<sup>105</sup> O trabalho é, pois, para MARX, a esfera ontológica última do ser humano. O marxismo, como humanismo absoluto, é um humanismo do trabalho, ou seja, uma crítica em ato (revolucionária) do trabalho alienado e uma instauração do trabalho humanizado. Ê precisamente como condição histórica desta crítica que o proletariado industrial assume, aos olhos de MARX, a importância decisiva — teórica e prática — que sabemos.<sup>106</sup> Ê nêle que reside a esperança e a fôrça da realização final do homem.<sup>107</sup> Nesta realização final, o homem surge como um “finito-infinito” ou um universal concreto. “O humanismo de MARX é a doutrina de um ato humano total, verdadeiro

<sup>103</sup> Sôbre a noção marxista de “praxis”, ver o penetrante estudo de JEAN LACROIX, in *Marxisme, Existentialisme, Personalisme*, P. U. F., Paris, 1951, (2. éd.), págs. 6-16.

<sup>104</sup> *Ibid.*, pág. 28, n.º 2.

<sup>105</sup> *Le Capital*, ed. cit., II, pág. 19. A edição alemã (Dietz, Stuttgart, 1919, pág. 139) traz “ewige Naturbedingung”, enquanto a tradução ROY, revista por MARX, traz “nécessité physique”. Ver *Idéol. All.*, O. Phil., VI, pág. 163.

<sup>106</sup> Ver a primeira e segunda parte do “Manifesto”. Estar ao lado do movimento operário e lutar pela sua unidade revolucionária, tornou-se para MARX mais que um ideal de vida: a condição mesma de uma interpretação coerente da realidade humana.

<sup>107</sup> Ver P. BIGO, *Marxisme et Humanisme*, págs. 133-135.

êxtase permanente que se basta a si mesmo, é apreensão da origem no ato mesmo de origem. Humanismo concreto que não se refere ao Homem, mas a um *mundo* do homem, mundo no qual o homem é, se faz, aparece e se *conhece* como homem." <sup>108</sup>

<sup>108</sup> J. Y. CALVEZ, op. cit., pág. 553 (grifado pelo autor).